

# Ministro considera ‘natural’ algum período de incerteza

*Para o ministro, mercado levará algum tempo para digerir as mudanças no câmbio e nos juros*

MONICA YANAKIEW

Especial para o Estado

**W**ASHINGTON – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, previu um “período natural de incertezas” no mercado nas próximas semanas. Ontem de manhã, antes de iniciar seu quarto e último dia de reuniões, na sede do Fundo Monetário Internacional (FMI), em Washington, Malan disse que era cedo demais para prever o impacto da elevação das taxas de juros sobre a dívida interna. A única previsão que fez foi de que haveria um momento de oscilações, mas no final a situação iria estabilizar-se.

“O real levará alguns dias, talvez semanas, até encontrar seu ponto de equilíbrio”, afirmou Malan. “Durante esse tempo, vamos ter de conviver com essa volatilidade e baixar o grau de ansiedade”, acrescentou.

Horas depois, na saída de um encontro com o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, o ministro disse esperar que a inflação seja “muito baixa”.

Antes de voltar ao Brasil para acompanhar de perto as reações do mercado à nova política cambial, o ministro da Fazenda terá um encontro hoje com Bill MacDenough, o presidente regional do Federal Reserve (Fed) de Nova York – um dos braços regionais do Banco Central dos Estados Unidos. Ele é o principal supervisor dos grandes bancos norte-americanos que mais investiram na América Latina e seriam diretamente afetados pelo agravamento da crise no Brasil.

**Sem avaliação** – Desde sexta-feira, quando anunciou que deixaria o câmbio do real flutuar livremente, Malan não pôde medir o impacto da desvalorização da moeda em Nova York – a praça financeira que mais influencia a movimentação nas bolsas de valores brasileiras. O mercado só reabriu ontem. Na segunda-feira, quando o real chegou a ser cotado a US\$ 1,60 no Brasil, era feriado nos Estados Unidos.

“O presidente do Federal Reser-

ve de Nova York é quem conhece melhor os sentimentos do mercado”, disse o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Marcos Caramuru, que está acompanhando Malan em sua visita aos Estados Unidos. “E nessa fase de indefinição, na qual ainda não sabemos qual será o ponto de equilíbrio do câmbio, a informação é muito importante”, acrescentou.

Em Nova York, para onde embarcou ontem à tarde, Malan espera dissipar algumas dessas incertezas e até obter apoio do governo norte-americano para influenciar os investidores e manter a confiança no Brasil. Além de ser ouvido pelo presidente do Fed, Alan Greenspan, na hora de antecipar as reações dos mercados às políticas econômicas em países emergentes, MacDenough também é consultado pelos bancos privados.

Malan também analisou a situação do Brasil com Greenspan na segunda-feira. O ministro brasileiro e o presidente do Fed chegaram à conclusão que, depois da crise da Rússia, em setembro, o mundo mudou.

A falta de confiança dos investidores levou a uma escassez de liquidez e, de certa forma, ao esgotamento do modelo adotado pelos países emergentes, de financiar desenvolvimento interno com créditos externos. Essa prática vem sendo adotada pelo Brasil.

**Dúvidas** – Apesar de terem apoiado publicamente a nova política cambial brasileira, nas conversas

que tiveram com Malan os representantes do Fundo Monetário, do Banco Mundial (Bird) e do governo norte-americano manifestaram a mesma preocupação com a falta de controle dos gastos nos Estados.

“Antes todos perguntavam sobre a dívida pública brasileira”, disse Caramuru. “Agora as dúvidas giram todas em torno da complicada relação entre os governos federal e estaduais no Brasil.”

Uma das principais dúvidas é sobre a capacidade do governo federal de punir os Estados que não controlarem seus gastos. Malan e seus assessores explicaram que o Executivo não pode reter todas as transferências. Ou seja, caberá aos governadores realizar os ajustes necessários para garantir a sobrevivência do Real.

**DÚVIDA AGORA  
É SOBRE RELAÇÃO  
DO EXECUTIVO  
COM OS ESTADOS**